

DIFICULDADES DE LEITURA: DAS CAUSAS E CONSEQÜÊNCIAS

Josélia da Silva Almeida
UnB

Normalmente quando se fala em leitura e, mais ainda, em literatura, lembra-se logo das experiências escolares. O que demonstra que ambas estão associadas ao ensino. Tal associação é cultural, uma vez que a maioria dos indivíduos têm o seu primeiro contato com a leitura e com a literatura na escola. Afinal, a sociedade a escolheu como a instituição responsável pela introdução de seus membros ao mundo das letras.

Em decorrência, o ensino literário, como fenômeno histórico, carrega consigo as conseqüências da herança que atribuiu ao livro o poder de instrumento de divulgação da ideologia burguesa, cujo ideal revolucionário foi nele depositado. A orientação da leitura, portanto, desde sua institucionalização, serve a determinados propósitos.

Entre estes propósitos, destaca-se o objetivo de justificar a substituição do padrão de valores e crenças, vigentes no pensamento europeu até meados do século XVIII, e o de divulgar um determinado conceito de leitura, promovido pelos filósofos iluministas e posto em prática pela escola.

É nesta instituição que se reproduz uma série de problemas, os quais terminam por afastar o leitor da leitura e do livro. Tais empecilhos se originam na concepção de leitura difundida pela escola burguesa, passa pela diferenciação de classes - dominadores e dominados- , até chegar a problemas relativos à própria natureza do objeto literário, que geralmente não é visto como uma manifestação essencialmente artística, intrinsecamente complexa, indefinível, e, portanto, de difícil sistematização em ambiente de ensino.

Nas escolas, até hoje, o ensino da leitura não se fundamenta em teorias do discurso e do texto. O professor elabora questionários a respeito de uma obra, com perguntas que, de um modo geral, não contribuem para levar o aluno, progressivamente, à compreensão do sentido global do texto e, principalmente, dos mecanismos produtores desse sentido. O problema central, responsável pela deficiência da leitura nessas escolas, parece ser a concepção inadequada de texto que os professores têm. Por texto entendem, erroneamente, uma soma de frases concatenadas; tanto é assim que o ensino da língua vai apenas até a estrutura do período, apesar dos avanços da lingüística, da semiótica e da análise do discurso

Por conseqüência, a concepção de leitura na escola é inadequada, uma vez que o ato de ler um texto, principalmente o literário, exige o preenchimento de não ditos, já-ditos e vazios, que não estão manifestos a nível do código lingüístico, uma vez que foram deixados em branco intencionalmente ou não pelo autor. Esse, na construção da narrativa ficcional, tal qual um estrategista, prevê um determinado leitor-modelo, com capacidade de realizar o trabalho interpretativo e inferencial, que concretize a obra.

O primeiro passo para a abordagem de um texto literário consiste na apreensão do sentido que é dado por intermédio da ativação da enciclopédia do leitor. Trata-se do processo de atualização da leitura, em que entra uma série de informações a respeito do código escrito e de um sistema semântico global. Esse último sistema, como um conjunto estruturado de informações enciclopédicas, é acionado no momento em que o leitor se dispõe a interpretar determinado fragmento do texto.

O segundo passo da leitura é o do preenchimento dos vazios ou dos implícitos, que estão nas entrelinhas. E o momento em que o leitor vai participar do jogo interpretativo e desmontar as armadilhas (falsas pistas textuais) colocadas, intencionalmente pelo autor.

A iniciativa do leitor consiste em fazer uma conjectura de leitura. O que não significa

que seja permitido se fazer, a partir de um texto, apenas uma conjectura interpretativa. Em princípio, pode-se fazer uma infinidade delas. Mas, no fim, pelo preenchimento dos vazios com os atos de projeção do leitor, as conjecturas deverão ser testadas sob o foco da coerência textual, restando desaproveitar aquelas conjecturas não-pertinentes.

E o terceiro passo ocorre quando o leitor estabelece relações inter-sígnicas e actanciais. Com uma série de pressuposições confirmadas, ele passa à análise dos blocos de informações, relacionando-os. Tais blocos significativos concentram-se, em termos denarrativa, na atuação do narrador e na perscrutação da estratégia escolhida pelo autor: monofonia/polifonia.

A leitura resulta, pois, de um processo de articulação de signos. Ela reconstrói algo que está sempre em suspenso: um vir-a-ser que depende diretamente de uma série de variantes relativas ao enunciador, à sua intenção, à sua posição social e histórica e, também, ao modo como quem recebe os enunciados os interpretará, num contexto global de interpretação.

No ensino de literatura, conforme ministrado nas escolas, muitos professores, vendo-se incapazes de solucionar a questão da natureza plurissignificativa da obra literária, optam por um de dois caminhos extremos: ou expõem como "certo" apenas um único sentido, o dos "especialistas", ou aceitam quaisquer uns que os alunos apresentem.

O primeiro procedimento leva o aluno à pressuposição da cobrança de algo pré-determinado, enquanto o segundo não dá ao estudante nenhuma segurança. Esse, então, vendo-se abandonado, diante das múltiplas possibilidades de leitura, tende apenas a parafrasear os textos.

Tal forma de ensino da literatura, ao hipervalorizar as leituras de especialistas, desconsidera a leitura dos alunos, conduzindo-os paulatinamente a um completo desinteresse pela literatura. Este professor, que teve uma formação deficiente, transporta suas carências de leitura para sala de aula e reproduz as mesmas dificuldades com relação à leitura e à literatura que ele adquiriu no processo de sua formação escolar.

Ao se levantarem os problemas do contexto escolar, é lugar comum as críticas responsabilizarem apenas alunos e professores, poupando a instituição. Assim, os que não lêem seriam, eles próprios, os responsáveis pelo seu não-sucesso na sociedade.

É com a pedagogia da libertação que a palavra e a realidade do aluno passam a ser considerados na prática educativa. Na formulação dessa metodologia, a leitura de mundo dos alunos antecede às leituras livrescas já existentes. Trata-se de uma pedagogia comprometida com a mudança e com a não-reprodução de esteréotipos culturais que o ensino vem produzindo. Nesta dimensão, considera-se o ato de ler como um ato de desconhecimento e de prazer que pode levar à percepção das relações existentes no mundo da natureza, e no mundo dos homens, explicando-as.

As instituições sociais, em nível do meramente proclamado, falam recorrentemente das maravilhas que podem ser encontradas em diversos tipos de livros; porém, o que se verifica na realidade concreta é a falta de condições para a realização de leituras. Assim, a existência de livros disponíveis e de fácil acesso, por si só, não é suficiente. Não é isso que garante o surgimento da leitura enquanto experiência de prazer e de conhecimento objetivo da realidade.

Cabe ainda ao professor saber distinguir entre uma literatura que leve ao crescimento de seus alunos e a que se encaixe dentro dos ditames da sociedade de consumo, selecionando, do acervo da literatura, obras comprometidas com o crescimento e emancipação dos indivíduos.

Por exigir mudança e recriação, a leitura coloca-se como produção, mas isso não significa excluir o seu caráter prazeroso. Quando a literatura oferece a possibilidade de ultrapassar e vencer desafios, ela reencontra a sua razão de ser. E dessa forma que se dá a ampliação do conhecimento da realidade, fato que leva o indivíduo a partilhar e recriar

referenciais de mundo, transformando-se num produtor de acontecimentos, em função de sua consciência crítica. A esse nível de resposta ao texto só se chega quando se desvela a ideologia escondida nas malhas textuais, o que consiste na apreensão mais profunda da palavra literária.

Assim, ler é um modo de conhecer e de praticar a cultura em sentido lato. Ao ler, o leitor entra em contato com os pensamentos dos outros, vivência a alteridade como se fosse ele mesmo; numa relação dialógica.

Nesse processo dialógico da leitura, concretiza-se o entrecruzamento de diferentes vozes no interior do texto. Tais vozes respondem umas às outras ou polemizam entre si. Trata-se do diálogo entre diferentes pontos de vista e concepções de mundo expressos pela linguagem e transcendentem ao ato de leitura da palavra (signo, livro, literatura).

A utilização de teorias do texto em sala de aula ajudam o professor de literatura a orientar a si mesmo e aos seus alunos. O conhecimento semiótico e lingüístico, além do saber teórico a respeito da literatura, são imprescindíveis, pois são eles que dão subsídios teóricos auxiliares na abordagem dos textos literários.

Mas orientar os alunos não significa impor-lhes determinadas leituras. É, sim, apenas subsidiar, dar ferramentas para que eles possam fundamentar seu discurso na exploração das diversas possibilidades apresentadas pelo texto literário, tornando a prática da leitura um ato de recriação e descoberta do mundo e de suas relações concretas.

Bibliografia

- AGUIAR, Vera Teixeira de [e outros] Org. Regina Zilberman. *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo filosofia da linguagem*. Tradução de M. Lahud e Yara F. Vieira. São Paulo: IIUCITEC, 1992.
- BARBOSA, Raquel Lazzari Leite. *Dificuldades de leitura: a busca da chave do segredo*. São Paulo: Arte & Ciência, 1998.
- BITTENCOURT, Gilda Neves da Silva. O ensino de literatura no 20. grau a ótica do professor e do aluno. In: O ensino da língua e da literatura. *Gragoata'*. Revista do Instituto de Letras. Programa de Pós-graduação. Rio de Janeiro. Volume 2, p.259-74. Universidade Federal Fluminense. 1 semestre 1997.
- BITTENCOURT, Terezinha. A lingüística e o ensino de gramática. In: O ensino da língua e da literatura. *Gragoatá*. Revista do Instituto de Letras. Programa de Pós-graduação. Rio de Janeiro. Volume 2, p. 121-8. Universidade Federal Fluminense. 10. semestre 1997.
- BORDINI, Maria da / Aguiar, Vera Teixeira de. *A formação do leitor*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988
- ECO, Umberto. *Leitura do texto literário: lector in fabula*. Tradução de Mário Brito. Lisboa: Presença, 1979
- _____. Literatura e nacionalidade. In: *Artetexto* Revista do Departamento de Letras e Artes. Rio Grande do Sul. Editora da FURG, 1993, p. 73-88.
- LAJOLO, Mansa & Zilberman, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1998.
- PONDÉ, Glória. Contribuição da hermenêutica para uma teoria da leitura. In: Anais do XI Encontro Nacional da ANPOLL. João Pessoa. *Letras & Lingüística*. Junho 1996, p. 39-43.
- _____. A ampliação do olhar da mulher-professora In: Anais do XI Encontro Nacional da ANPOLL (Caxambu -junho de 1994)-*Letras* - Volume 1. p. 28-31.